

A ESTÉTICA INFANTIL NO ENSINO DE CIÊNCIAS: DESENVOLVENDO CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE POR MEIO DA ARTE, CULTURA E EXPERIMENTAÇÃO DO TERRITÓRIO

Jéssika Moraes Reis Lucena – Universidade Federal do ABC
jessika.lucena@ufabc.edu.br

Claudio Wagner Locatelli – Universidade Federal do ABC
claudio.locatelli@ufabc.edu.br

Ana Beatriz Carollo Rocha Lima – Universidade Federal do ABC
ana.carollo@ufabc.edu.br

Resumo

Este trabalho busca refletir sobre como a estética infantil, mediada pela arte e cultura caiçara e pela experimentação da praia e da mata, pode constituir um caminho inovador para desenvolver consciência ambiental e sustentabilidade em escolas de comunidades tradicionais. Partindo da compreensão de que a infância constitui um momento privilegiado para a construção de valores e percepções sobre o mundo natural, propõe-se uma abordagem pedagógica que articula arte, cultura e experimentação do território como elementos formativos. Por meio da expressão estética, as crianças são incentivadas a observar, interpretar e representar a natureza, estabelecendo conexões entre o conhecimento científico e sua experiência sensível e cotidiana. O estudo adota a metodologia da pesquisa narrativa, que possibilita compreender as práticas educativas a partir das histórias, experiências e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Essa abordagem permite valorizar a voz das crianças e dos educadores, revelando como os processos de aprendizagem e de construção de consciência ambiental se entrelaçam com trajetórias pessoais, culturais e territoriais. Nesse contexto, a cultura oceânica surge como eixo fundamental, uma vez que os oceanos desempenham papel central para a vida no planeta e para o enfrentamento das mudanças climáticas.

Palavras-chave: cultura oceânica; comunidades tradicionais; caiçara; educação.

Introdução

Apesar da relevância da educação ambiental no ensino de Ciências, muitas vezes as práticas pedagógicas permanecem distantes da realidade e da

experiência sensível das crianças. A educação ambiental em comunidades tradicionais apresenta desafios e oportunidades singulares, uma vez que envolve a articulação entre saberes locais, práticas culturais e conhecimentos científicos. Neste trabalho, parte-se da compreensão de que a infância constitui um momento privilegiado para a construção de valores e percepções sobre o mundo natural. Nesse sentido, a estética infantil, mediada pela arte e cultura caiçara e pelas vivências na praia e na mata, pode se configurar como um caminho inovador e efetivo para o desenvolvimento da consciência ambiental e da sustentabilidade.

A reflexão se ancora em autores que problematizam a educação e a complexidade da vida. Edgar Morin (2000), ao discutir os "sete saberes necessários à educação do futuro", destaca a importância de integrar conhecimentos e superar visões fragmentadas da realidade — perspectiva essencial quando se trata de compreender o meio ambiente de forma sistêmica. Em uma comunidade tradicional caiçara, integrar conhecimentos significa também conhecer e apropriar-se de uma cultura popular brasileira, rica e específica. O fandango, a pesca, os alimentos, o cultivo, as lendas, o surfe, os cultos, as festas e celebrações e o cotidiano são elementos que unem povos formados pela miscigenação de origens indígenas, quilombolas e colonos. O sincretismo de diferentes doutrinas, crenças e culturas em um mesmo território. Inserir essas dimensões no ensino de Ciências amplia o horizonte das práticas pedagógicas. A valorização dos aspectos artísticos e culturais e a experimentação do território natural por meio do brincar e do aprender na praia e nas matas aproxima os estudantes dos princípios de sustentabilidade global e da responsabilidade compartilhada pelo cuidado com os ecossistemas marinhos de forma significativa e contextualizada.

O texto trata-se de um relato de experiência pedagógica e tem como objetivo geral refletir sobre como a experiência estética das crianças, ancorada em práticas culturais e no contato direto com o território, pode contribuir para a formação de sujeitos ambientalmente conscientes. Como metodologia adotou-se a abordagem narrativa, inspirada em Pedro Demo (2000), que entende que a narrativa, além de fonte de informação, é também espaço

formativo, uma vez que os sujeitos se reconhecem e se reinterpretem ao narrar suas trajetórias. Essa escolha metodológica permite dar visibilidade à voz das crianças e dos educadores, evidenciando como os processos de aprendizagem se entrelaçam com o território e com a vida cotidiana.

As práticas relatadas aconteceram no ano de 2024 e 2025 com turmas multisseriadas de uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada em uma comunidade tradicional caiçara à beira-mar de um bairro da cidade de Ubatuba, litoral norte de São Paulo. O estudo busca contribuir para o debate sobre educação ambiental em contextos de comunidades tradicionais, destacando a potência da estética infantil como dispositivo formativo. Ao articular arte, cultura e experimentação do território, propõe-se uma pedagogia da sustentabilidade que valoriza saberes locais e experiências sensíveis, ao mesmo tempo em que dialoga com os desafios globais contemporâneos. Nesse horizonte, autores como Morin, Freire, Leff e Demo oferecem referenciais que reforçam a importância da complexidade, da dialogicidade e da pesquisa como eixo formativo. Assim, a infância deixa de ser vista apenas como fase preparatória para o futuro e passa a ser reconhecida como espaço de invenção, de escuta e de transformação.

Educação ambiental e cultura caiçara: relato de experiência em escola de comunidade tradicional em Ubatuba

Em 2024, ao retornar para a escola protagonista deste relato, após quatro anos trabalhando em outras instituições, um dos maiores anseios como professora era sobre como trabalhar habilidades do currículo que tratam da educação ambiental e ao mesmo tempo promover a consciência ecológica sobre a questão do lixo na praia. Dois fatores principais geraram essa preocupação. O primeiro foi observar, como moradora, o aumento da poluição da orla e do mar em nosso bairro localizado em uma baía marítima. O segundo fator foi presenciar um ex-aluno, de 2017 e desta mesma escola, jogar uma embalagem de alimento no mato em um dos locais mais lindos do bairro com vista cinematográfica para o mar. A cena me provocou como educadora, marcou minha memória e me fez refletir constantemente sobre o

que havia falhado em minha prática, que sempre esteve fundamentada na mediação da construção de saberes críticos sobre o meio ambiente e sua preservação.

No retorno dos trabalhos na escola, analisei que antes de refletirem sobre como nossa praia estava ficando cada vez mais suja, era preciso primeiro identificar como as crianças percebiam e vivenciavam o território em si. Depois, se fazia necessário explorar ao máximo o privilégio de localidade da nossa escola, extrapolar as limitações físicas do espaço e sair com as crianças para experimentar a praia e a mata juntos, com colegas e professores. Da mesma maneira, era crucial investigar e apropriar-se da cultura caiçara muito rica em música, arte e histórias. Por fim, oportunizar reflexões, escutas e práticas sobre a questão do lixo na praia de forma contextualizada com esses elementos formativos e assim mediar um percurso de aprendizagem significativa que valorize a experiência, os sentimentos e as capacidades de elaboração crítica e afetuosa de crianças e educadores.

A perspectiva de Enrique Leff (2006) contribui para este estudo ao ressaltar que a educação ambiental crítica deve ser compreendida como processo de construção de novos sentidos, valores e racionalidades, em diálogo com a diversidade cultural e com os saberes locais. Nesse horizonte, a estética infantil, mediada pela cultura caiçara e pela experiência do território, constitui não apenas um recurso pedagógico, mas também uma estratégia de resistência e reinvenção de práticas socioambientais. Embora Leff (2006) não trate diretamente da estética infantil, suas reflexões sobre a reapropriação simbólica da natureza abrem espaço para compreender a arte, a imaginação e a estética como formas de construir novas racionalidades. Ou seja, a proposta de usar a estética infantil para aproximar ciência, sensibilidade e território pode ser interpretada como uma prática de "reencantamento do mundo", em linha com a crítica de Leff à racionalidade instrumental. Para Leff, a sustentabilidade não se reduz a práticas conservacionistas ou técnicas, mas envolve a construção de um novo paradigma civilizatório, pautado na justiça social, na diversidade cultural e na ética ambiental. No seu trabalho, isso aparece quando o sociólogo propõe uma pedagogia da sustentabilidade

enraizada no território, que reconhece o papel das crianças e das comunidades tradicionais como sujeitos de transformação.

Em 2024 e 2025 o trabalho com as crianças foi registrado e avaliado por meio de um diário de bordo em um mural digital. Imagens, vídeos, descrições e textos das propostas alimentavam diariamente a documentação pedagógica para acompanhamento, leitura e avaliação dos educadores e coordenação pedagógica. Para experimentação dos territórios, foram realizadas saídas da escola, aulas de surf, rodas de leitura e brincadeiras na praia, coleta do lixo na orla utilizando uma caixa de som e microfone para se comunicar com moradores e turistas, e visitas a locais do bairro como o Rancho Caiçara.

O principal conteúdo de integração com a cultura foram a música e as lendas, com destaque para o trabalho realizado com a lenda criada em Ubatuba do “Boi de conchas”, no qual as crianças realizaram reescrita da lenda em cordel e apresentaram na abertura da 1º Corrida de Canoas Caiçara da praia, como mostra a foto abaixo:

Figura 1 - Apresentação do “Boi de Conchas” no Rancho Caiçara.



Fonte: Autoria própria (2024).

Durante todo o percurso, as falas das crianças demonstravam ampliação da percepção de pertencimento ao local. Nas saídas para a praia, constantemente era trazido por uma ou mais crianças a temática do lixo como problema de onde vivemos, bem como a atitude reativa a este contexto. Nas rodas de conversa, era possível observar como a construção de tais

aprendizagens estava provocando reflexão e contradição: uma estudante chegou a comentar que sua mãe costumava enterrar o lixo na areia da praia, e em outros relatos de vivências pessoais como este era possível perceber o quanto as crianças estavam questionando e ressignificando tudo o que sabiam e viviam em relação ao lixo. Ao ponto em que a relação com a natureza e com a cultura local se intensificaram nas práticas, as falas das crianças se tornaram mais afetuosas e sentimentais, revelando preocupação e auto responsabilização com o território no qual amam viver.

Este é um relato de experiência que continua em andamento e segue sendo estudado com propósito de tornar-se pesquisa e aprofundar as compreensões sobre como o senso estético infantil sensibiliza e intensifica para uma educação ambiental ética e transformadora em escolas de comunidades tradicionais.

Referências

DEMO, P. *Educação e Pesquisa: O cotidiano do Professor*. Campinas: Papirus, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFF, E. *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*. São Paulo: Cortez, 2006.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.